SACRILEGENS Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF

Teologia em versos: a música secular como novo *locus theologicus*

Theology in verses: secular music as a new *locus theologicus*

Felipe Mateus Botura[1]

Resumo: Intitulada "Teologia em Versos: a música secular como novo *locus theologicus*", esta pesquisa busca demonstrar como a música secular pode constituir-se como um legítimo *locus theologicus*, isto é, como lugar de renovação e diálogo da teologia com o mundo contemporâneo. Elege-se o método da teopoética, que permite compreender a música como expressão artística capaz de traduzir a experiência que o ser humano faz com o sagrado em uma linguagem simbólico-poética, visto que tal experiência escapa às faculdades da linguagem conceitual. Isso porque a música canta sobre o homem, sua vida, suas buscas e anseios e, nisso, sua relação com o sagrado, mediando essa relação entre Deus e homem. Compreende-se, assim, o homem como ponto de encontro deste diálogo interdisciplinar. Realiza-se uma revisão bibliográfica a partir de autores como Manzatto, Cappelli e Calvani, que permitem concluir que a música secular, enquanto expressão do Espírito na história, apresenta-se como *locus theologicus* que possibilita à teologia resgatar a linguagem simbólico-poética própria do período patrístico e estabelecer um diálogo concreto com a cultura contemporânea.
Palavras-chave: Música; *Locus theologicus*; Teopoética; Homem; Diálogo.

Abstract: Entitled "Theology in Verses: secular music as a new *locus theologicus*", this research seeks to demonstrate how secular music can constitute itself as a legitimate *locus theologicus*, that is, as a place of renewal and dialogue between theology and the contemporary world. The method of theopoetics is adopted, allowing music to be understood as an artistic expression capable of translating the human experience of the sacred into a symbolic-poetic language, given that such experience escapes the capacities of conceptual language. This is because music sings of the human being, his life, his searches and longings and, in doing so, of his relationship with the sacred, mediating the relationship between God and humanity. The human being is thus understood as the meeting point of this interdisciplinary dialogue. A bibliographic review is conducted drawing on authors such as Manzatto, Cappelli and Calvani, leading to the conclusion that secular music, as an expression of the Spirit in history, presents itself as a *locus theologicus* that enables theology to reclaim the symbolic-poetic language proper to the patristic period and to establish a concrete dialogue with contemporary culture.
Keywords: Music; *Locus theologicus*; Theopoetics; Man; Dialogue.

[1] Bacharel em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário (2021) com interesse na antropologia filosófica de Blaise Pascal e a questão da grandeza e miséria humana. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2025) com interesse em antropologia teológica mística inaciana e a teopoética como método de diálogo e reflexão teológica-moderna. Este artigo é parte integrante da pesquisa desenvolvida para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia. Por isso, agradeço a Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani pela sua contribuição na elaboração do projeto de pesquisa e na estruturação inicial da proposta de trabalho e ao Prof. Dr. Alexandre Boratti Favretto que assumiu a orientação. Email para contato: felipemateusbotura@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa intitulada "Teologia em Versos: a música secular como novo *locus theologicus*" inspirada nos pensamentos do Papa Francisco em sua "Carta sobre o papel da literatura na educação" (PLE), tem como objetivo demonstrar a possibilidade de diálogo entre teologia e música, inclusive com a música secular. Este diálogo interdisciplinar é possível por meio da teopoética, quando se considera música, literatura etc. como expressões artísticas que transcendem a limitação da linguagem convencional, ao passo que resgata, desde meados de 1970, a imaginação no exercício de produção teológica, dando vida a um novo modo de se fazer teologia (Cappelli, 2020, p. 90-103).

A pergunta que atravessa este artigo é: pode a música, ainda que secular e não confessional, ser reconhecida como um *locus theologicus*, isto é, um lugar onde a teologia acontece e se renova? O que levará à compreensão – a partir de uma chave antropológica – de que é possível porque ela canta a experiência humana em sua inteireza: o amor, o sofrimento, a busca de sentido, a indignação diante da injustiça. E ao falar do homem e de suas experiências, de suas buscas, ela fala, ainda que indiretamente, de sua relação com o Transcendente. Falar do homem é falar de Deus ou ao menos de sua relação com ele. E nisso, tem-se uma rica oportunidade de diálogo e evangelização no mundo de hoje.

Isto permite a teologia dar passos concretos no diálogo com o mundo moderno por meio de uma linguagem simbólico-poética – característica do período patrístico – que se perdeu ao longo do tempo (De Mori, 2012, p. 130-132). Libertando a teologia de um cárcere de conceitos abstratos e fechados – a que ela foi submetida com o decorrer dos séculos – que pouco dizem da realidade (Lima; Manzatto, 2014, p. 252-254) e muito menos da inefabilidade da experiência religiosa, devido à limitação da própria linguagem humana (Cappelli, 2020, p. 90-103). Tal dinâmica atende ainda a proposta do Concílio Vaticano II de retorno às fontes, visto que resgata algo próprio do período patrístico.

Vale ressaltar, conforme Manzatto (2015, p. 29), que o diálogo e a leitura teológica não se dão com todas as canções, o que não significa estabelecer uma hierarquização arbitrária das expressões musicais segundo preferências subjetivas. O critério de discernimento situa-se antes na capacidade da música de expressar experiências humanas significativas e de traduzir simbolicamente uma visão de mundo compartilhada. São, portanto, "certas canções" que por sua densidade antropológica e por

sua permanência na memória coletiva, contribuíram para moldar a sensibilidade cultural de um povo e permanecem capazes de suscitar reflexão.

Tal compreensão encontra respaldo também em Papa Bento XVI (2017, p. 14), afirma que a beleza da música não está em ser sacra ou profana, mas na sua relação com o Belo, ao apontar para ele e cantá-lo. Isto porque, no horizonte teológico cristão, o Belo não é entendido apenas como categoria estética subjetiva ou culturalmente condicionada, mas como participação da beleza divina. Isso não significa negar a diversidade e beleza da experiência estética, mas reconhecer que diferentes manifestações artísticas expressam de modo distinto, questões como o sofrimento, amor e à abertura ao transcendente. É nesse horizonte que algumas obras se mostram particularmente fecundas para a reflexão teológica

Por essa razão, o interesse teológico não recai sobre canções escolhidas por critérios moralistas ou por seu êxito comercial, mas sobre aquelas que revelam algo da condição humana em sua profundidade: o amor, a dor, a esperança, a busca de sentido, o desejo de transcendência. Ou seja, que expressem os anseios e as buscas do homem pelo transcendente, mostrando rastros do sagrado que servem como sinal para que o homem o encontre, só que de um modo não confessional (Calvani, 1998, p. 1). Logo, o homem é o ponto de encontro e diálogo entre essas duas dimensões.

Por isso, a reflexão teológica volta-se para aquelas canções que, ao expressarem de modo singular os dramas, esperanças e buscas da existência humana e, conforme Manzatto (2016, p. 10) “a compreensão do que significa ser humano no mundo” de uma forma tal que interpela a teologia. Neste sentido, a música não aparece aqui como mero instrumento do discurso teológico, mas como interlocutora privilegiada, cuja linguagem simbólica e poética oferece uma perspectiva própria sobre o humano e, consequentemente, sobre sua abertura ao Mistério, favorecendo o diálogo entre ambas as dimensões do saber.

Trata-se, pois, de reconhecer os diversos campos do saber e as expressões culturais, como espaços legítimos de manifestação do divino, visto que o Espírito as permeia e fecunda (Boff, 1976, p. 09-10). Afinal, conforme Tillich (2009, p. 88-89) a própria linguagem religiosa utiliza-se de recursos comuns da literatura, e muda conforme a necessidade de expressão. Por isso, é uma linguagem poética e santa, para os que a recebem como expressão da verdade eterna. Logo, o diálogo não só é possível como

muito válido para os dias de hoje em que a Igreja precisa atualizar a sua mensagem de anúncio do Cristo ao mundo moderno.

1. A importância da arte na vida do homem

O Papa Francisco em documento recente, "Sobre o papel da literatura na educação" (PLE, n.2), afirmou que a literatura não só é um instrumento de grande valia contra o tédio e a solidão, como também um lugar de repouso, um oásis, onde o homem pode então recuperar as forças para seguir em frente quando nem mesmo a oração consegue fazê-lo. Logo, a literatura enquanto expressão artística e num sentido maior, a própria arte, constitui-se como lugar de resistência e de suporte da realidade, onde o homem pode criar um mundo novo, visto que a dimensão artística é um campo aberto de possibilidades de expressão, criação, comunicação e por fim, de transcendência.

Esta discussão sobre o papel da arte na educação já era feita, a seu tempo, por Platão. Este, em sua obra A República (Platão, 2000, p. 64-66), argumenta que há duas dimensões a se considerar, o corpo e a alma. Quanto ao corpo, este deveria pautar-se pela ginástica, quanto a alma, esta deveria ser educada pela música e literatura. Diante disso, surge então a necessidade de estar atento à educação – música – que se oferece às crianças. Estas, por pedagogia, aprendem através de fábulas, que são histórias que contêm algumas verdades, mas não o são no todo. Por isso, deve-se estar atento a que fábulas – músicas – se oferecem para as crianças, pois elas irão assimilar as verdades e valores contidas nelas.

Francisco recorda (PLE, n.20) que a literatura abre a pessoa à voz do outro que o interpela e que fechar-se à escuta dessa voz denota surdez espiritual e queda no isolamento de si. De tal modo o coração fica endurecido e insensível ante a realidade do outro. Diante disso, a arte surge como um importante exercício de desenvolvimento da docilidade do espírito, principalmente para os candidatos ao presbiterato, visto que: "[...] todo o sacerdote é chamado a ser poeta, pois deve captar as proto-palavras, os desejos mais íntimos do ser humano, e os transubstanciar na Palavra de Deus que deve ser dada como palavra poética que funda o ser [...]." (Cappelli; Villas Boas, 2023, p. 101).

É preciso que o homem desenvolva o espírito de finura (Pascal, 1999, p. 29-40), que é a capacidade de se abrir ao transcendente que se comunica ao seu coração, o que o permitirá perceber que: "O Essencial é invisível aos olhos" (Saint-Exupéry, 2017, p. 74). Com isso, segundo Cappelli e Villas Boas (2023, p. 100), o homem adquire um conhecimento mais profundo da existência ao reconhecer as marcas dessa presença que

o interpela. Mas ele só conseguirá perceber à medida que aprende a fazer o silencioso exercício de contemplação, coisa que a arte proporciona. Visto ser necessário parar e silenciar-se diante da obra – realidade – que se apresenta e deixar que ela fale.

A arte permite que o homem expresse através das suas mais diversas formas – literatura, música, pintura, escultura – aquilo que passa no mais íntimo de si, isto é, no seu coração. Dentre essas expressões a música, segundo Tomás (2002, p. 16), é considerada a mais bela das artes, por preservar e descrever os sentimentos humanos dum modo único e poético, permitindo assim, perceber os movimentos de sua alma. Segundo Cappelli e Villas Boas (2023, p. 98), os poemas ainda que não sejam propriamente religiosos possuem temas, crenças e práticas que tocam a esfera religiosa e o mesmo se dá com a música. Isto porque trabalha-se com algo em comum, o humano, com todos os seus dramas, anseios e desejos.

A arte possibilita um caminho de autoconhecimento, por trazer para fora aquilo que Inácio de Loyola (2000, n.313-336) denomina de movimentações interiores do espírito, isto é, todas as suas tristezas e angústias, alegrias e motivações, desejos e vontades. Em seus exercícios espirituais, Inácio de Loyola fala da importância de trazer tais movimentações à luz da consciência para orientá-las para Deus (n. 1). Sendo a arte também um exercício espiritual, segundo Tolentino Mendonça (2020, p. 33), ela apresenta-se como uma importante via ordenadora dos afetos humanos, afinal: “Já se percebeu que a música faz livre o espírito? que dá asas ao pensamento? que alguém se torna mais filósofo, quanto mais se torna músico?” (Nietzsche, 2016, p. 12).

Há que se ter em mente segundo Tomás (2002, p. 11-12), que a música enquanto expressão artística brota de uma subjetividade, assim como é expressão da harmonia e da ordem que permeia o cosmos. Toda música traz, pois, uma harmonia, uma ordem sequenciada de notas, letras e ritmos. Tanto o é que determinadas músicas são capazes de acalmar e até mesmo induzir ao sono. Por isso, a música enquanto expressão artística é um exercício espiritual, pois é capaz de fazer com que o espírito alcance uma harmonia ou, como diria Inácio de Loyola (2000, n. 01), a ordenação dos afetos e é justamente essa ordenação que possibilita ao homem um retorno a Deus, logo, a música é uma via de reencontro do sagrado.

Nisto compreende-se a importância da arte – musical – à medida que se reconhece que ela dá: “[...] expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à

experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; [...].” (GS, n. 62). Ou seja, a arte também auxilia no processo de autoconhecimento, pois para colocar para fora aquilo que se passa no interior é preciso de alguma forma nomear, escrever, descrever, ritmar, dar forma. Ainda que tais expressões pareçam ser uma total confusão presente numa tela, por exemplo, trata-se justamente da confusão que se passa dentro, da confusão onde aquela pessoa teve um encontro consigo mesmo, naquele momento.

Logo, não é possível conforme Francisco: “[...] falar ao coração dos homens se ignorarmos, relegarmos ou não valorizarmos essas palavras com que quiseram manifestar e, por que não, revelar o drama do seu viver e sentir [...].” (PLE, n.9). É, pois, preciso considerar cada palavra, gesto, imagem e som, pois se trata da mais pura comunicação de um eu para um outro eu. Em suma, de um movimento de saída e encontro proporcionado pela arte. E como bem recorda Manzatto (2015, p. 34), o homem é um ser histórico e justamente por isso inserido no tempo, logo, ele irá se valer de uma forma própria de se comunicar conforme a época e a cultura, dentre outros fatores externos que possam influenciar.

Há que ter em mente que a arte – música – é fruto da experiência do Espírito (Boff, 1976, p. 232), por isso que ela não pode ser tida apenas como hobby, um mero passatempo que não proporciona nenhum conhecimento. Não obstante, há que ressaltar que tanto na religião como na arte – musical – há a presença de um *a priori* místico (Calvani, 1998, p. 09-12), um mistério pronto para ser contemplado e experienciado. Até porque, conforme o Papa Francisco (PLE, n.12-13), o Espírito se manifesta onde e como quer na diversidade que compreende a realidade humana, incluso a arte, que é um caminho valioso de acesso ao íntimo do homem, cabendo a teologia retomá-lo e mostrar como Cristo o ilumina.

Gesché (2003, p. 71-83) recorda que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e por isso, não só lhe foi dado o dom da liberdade, mas também o de ser co-criador. O descanso de Deus no sétimo dia é um convite pois, para que o homem continue a ação divina. Mais que dar nome às criaturas (Gn 2,19-20), trata-se de assumir a responsabilidade por elas. E assim, conduzir a criação para o seu fim – Deus – à medida que vai dando a obra criada, a acústica e os acordes necessários, para a sua realização.

Assim, impulsionado pelo Espírito que lhe suscita a criatividade, o homem por meio da arte consegue criar coisas novas, dar vida a músicas, histórias, imagens.

Portanto, é preciso perceber segundo Cappelli e Villas Boas (2023, p. 97), que a dimensão artística e religiosa converge uma para outra. O que os leva a afirmarem que o exercício artístico, à medida que engloba uma tradição espiritual, torna-se um exercício espiritual. E este é o valor e a importância da arte, pois por meio dela o homem consegue transcender tudo o que o oprime, assim como seus próprios limites. Contudo, deve-se ter em mente que cada dimensão – a religiosa e a artística – possui modos próprios de agir e proporcionar o elevar-se do espírito (Tolentino Mendonça, 2020, p. 33). A questão é que elas se relacionam diretamente por tratarem de um ponto em comum, o homem.

2. O homem como ponto de encontro entre a teologia e a música

De início, destaca-se que o campo da arte é vasto e compreende várias expressões como a literatura, escultura, pintura, música, teatro e que: "Enquanto campo de pesquisa o diálogo entre Teologia e Literatura já havia despertado o interesse da comunidade europeia, quando em 1976, a Revista *Concilium*, de grande prestígio internacional no imediato pós-concílio, propõe um número sobre a temática [...]." (Villas Boas, 2020, p. 26). Posteriormente, surge a figura de Antonio Manzatto que: "[...] publica em 1994 sua leitura teológica da literatura, trabalho que desenvolve entre 1988 e 1993 [...]." (Villas Boas, 2020, p. 26). Sendo o pioneiro numa área inexplorada pela academia brasileira.

O homem é um ser histórico e segundo Manzatto (2016, p. 08), Deus entra na história para se revelar e a própria revelação chega por meio de narrativas históricas. Isso permite contemplar a possibilidade de diálogo entre a teologia e música, enquanto expressão artística, pois a arte nada mais faz que falar do humano, contar sua história; permite conhecê-lo e assim, afirmá-lo. Por isso, a teologia se interessa e se põe em diálogo com a arte, já que: "O interesse de uma e de outra, [...] é o conhecimento, a afirmação e a compreensão do que significa ser humano no mundo. Cada uma, com o que lhe é característico, contribui para isso em diálogo com a outra e com os outros campos de conhecimento." (Manzatto, 2016, p. 10).

É preciso ter em mente, conforme Manzatto (2016, p. 10), que o ponto de encontro e diálogo entre teologia e música é o ser humano, pois ambas nada mais fazem

que contar a sua história. Por isso, segundo Manzatto (2015, p.25-26), deve-se analisar a música enquanto palavra, texto e poesia. Aqui, entram em cena os instrumentais de análise da literatura como possibilitadores do diálogo pois segundo Jossua e Metz (2016, p. 5), eles contribuem com um novo rigor ou ainda, com uma nova forma de compreender o ser humano e consequentemente, qual imagem ele tem de Deus e como se relaciona com Ele. Em suma, o diálogo sempre se dá a partir do humano e da sua história.

A música não é um texto qualquer segundo Manzatto (2015, p. 24-26), mas uma história cantada, de forma poética e aqui, a melodia torna-se algo muito específico, pois ela tem que casar perfeitamente com a letra, a fim de passar a mensagem de forma fidedigna. E ainda que não seja intenção do artista tocar no tema do sagrado, ao tratar de temas como a vivência do amor, o bem, o belo, sofrimento, a busca de sentido da vida, ele acaba por tocar na esfera religiosa. Por isso que determinadas músicas, apesar de seculares, tocam tão profundamente, pois tratam da dramaticidade da vida humana. Assim, a música vai então contando e cantando a busca do homem por algo maior, a história de sua relação com o transcendente.

Não obstante, segundo Manzatto (2012, p. 78), fazer teologia por meio da arte - música – não afasta, mas aproxima ainda mais o teólogo da realidade do povo, apresentando por meio da poética, a realidade nua e crua dos mais fragilizados da sociedade. Trata-se de uma abordagem mais afetiva e existencial, que toca a carne sofredora do povo, mostra não só seus sofrimentos, mas também seus sentimentos, sem deixar de ser ciência e conhecimento. Ou seja, é um modo de percorrer a via indutiva que possibilita fazer uma crítica a partir de dentro, já que a teologia é ato segundo. Logo, a teologia a partir da música pode conduzir o homem a um movimento natural de libertação.

Para Villas Boas (2020, p. 39), a teologia é reflexão da Palavra e de quem a escuta, logo também é discurso sobre o homem. A contribuição da literatura – arte – encontra-se na capacidade de tocar a realidade humana, através do simbólico possibilitando expressar, não pela linguagem convencional – palavras – aquilo que é paradoxal e inefável. Ela capta a realidade externa e interna do homem e apresenta-a sem interpretar. Logo, a experiência do sagrado é, antes de tudo, uma experiência humana (Ales Bello, 2014, p. 25). Uma experiência originária e fundante, pois ainda que mude o símbolo ou o nome da divindade, a estrutura da experiência não, pois quem experimenta e interpreta, é o homem (Maçaneiro, 2011, p. 09).

Hoje, essa experiência do sagrado encontra-se comprometida, pois segundo o Papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Dilexit Nos* Sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus (DN, n. 8-11), devido à correria frenética e à necessidade de consumir imposta pelo atual modelo de sociedade, o homem se distanciou de seu coração que é o lugar onde ele realiza a síntese de si. Por isso, cada vez mais o homem torna-se desconhecido para si. Focado no exterior e na busca de satisfações superficiais, deixou de questionar-se quem é, como também o que busca e para onde caminha. Disso resulta o convite do Papa para que o homem retorne ao seu centro, isto é, ao seu coração.

A arte é um instrumental de grande valia pois, segundo Villas Boas (2020, p. 38), enquanto método indutivo, ela permite adentrar a condição humana, assim como leva o homem a questionar tudo o que o cerca. Trata-se segundo Francisco (ATP, n. 8) de desenvolver uma reflexão que parta justamente do contexto e das circunstâncias em que as pessoas se encontram de modo que, a teologia não se detenha apenas na interpretação, mas deixe-se também interpelar pela realidade. Desse modo, torna-se possível lançar um olhar mais atento ao saber do senso comum, pois como um lugar teológico, ele é repleto de imagens diversas e antagônicas de Deus, que em muito diferem do Deus cristão.

Diante disso, a teologia cristã deveria deter-se e dedicar especial atenção a fim de demonstrar que o Deus de Jesus Cristo, aquele que se revela no e a partir do humano (Kasper, 2013, p. 04-06) é amor e misericórdia. Logo, este é o caminho que o homem deve fazer no exercício de produção teológica, deve-se partir do humano, da realidade dada, para ascender ao teológico, ao conceito (Manzatto, 1997, p. 07-15). Visto que, se Jesus é: "[...] revelador de Deus e do homem. E se a teologia fala de Deus, ela fala aos homens, e fala sobre um Deus que se fez homem e que ama os homens. Ela está a serviço do humano" (Manzatto, 1994, p. 40-41). Ou seja, só se faz teologia a partir do humano.

Por isso deve-se perguntar qual a compreensão de ser humano que uma obra artística – música – traz, pois, esta compreensão levará posteriormente a uma imagem de Deus e disso, surgirá uma reflexão teológica (Manzatto, 2016, p. 11). O que leva Pascal (1999, p. 48) a afirmar que o conhecimento de uma coisa se relaciona com o de outra necessariamente. Daí que, segundo Manzatto (2016, p. 11), se a música enquanto expressão artística, apresenta-se como um discurso e meio de revelação do humano que é justamente de onde a teologia deve começar sua reflexão, fica posto mais uma vez que o ponto de encontro e diálogo entre teologia e música é o homem.

Logo, a teologia também tem um discurso antropológico a oferecer (Manzatto, 2016, p. 13). Contudo, para entender o homem é preciso entender as coisas com as quais ele se relaciona (Pascal, 1999, p. 48), e, neste caso, com os instrumentais que ele utiliza para se expressar e fazer uma experiência de transcendência. Este diálogo não só surge como uma feliz possibilidade para encontrar respostas atuais para os dilemas humanos, como também atende ao desejo expresso pelo Papa Francisco na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (n. 4) quanto à interdisciplinaridade, enquanto união de forças e saberes de várias ordens em busca de uma verdade mais completa e concisa.

A arte musical é um meio de o homem perceber, experimentar e expressar esse mistério que está para além e foge à compreensão, isto porque ela trabalha com uma linguagem simbólica. Assim como ela pode ser um meio de o sagrado revelar-se, permanecendo mistério (Villas Boas; Manzatto, 2016, p. 07). Neste horizonte, Andriola De Aquino e Barbosa (2025, p. 13-14), recordam que a linguagem simbólica da arte possibilita a criação de um espaço privilegiado, onde a experiência humana pode ser sentida, comunicada e interpretada de um novo modo, sobretudo, em sua relação com o sagrado, possibilitando, consequentemente novas leituras do sagrado a partir da cultura.

Isto porque, conforme Huff Junior (2024, p. 60), há uma distância entre a experiência vivida e sua expressão verbal, o que permite concluir que a música pode surgir como lugar de experiência estético-religiosa marcada pela imaginação, pela sensibilidade e pela abertura ao mistério, mesmo fora dos espaços institucionais da religião. Tanto que há inúmeras obras de arte que por mais que o tempo passe, sua interpretação nunca se esgota, apresentando-se sempre atual. Isso espelha o fato de que Deus sempre tem algo a mais a falar ao ser humano, se não o faz é em respeito à sua capacidade limitada de compreensão o que o leva a mostrar-se – falar – pouco a pouco (Queiruga, 2010, p. 17-19).

Portanto, a arte não deve modificar seu modo de ser e falar, pelo contrário, ela deve manter-se fiel ao seu modo de ser para que possa contribuir ricamente com a reflexão teológica. Visto que sua capacidade de adentrar o íntimo da realidade humana é inegável, tanto que quando se quer fazer homenagens, mesmo dentro das comunidades religiosas, recorre-se a poemas, músicas. Justamente porque ela tem a capacidade de falar diretamente ao coração das pessoas, capacidade esta que é de grande valia para a teologia,

sobretudo, no hoje da história. De tal modo, ela não só permite um conhecimento sobre o ser humano, mas também possibilita a afirmação dele (Manzatto, 2016, p. 10-11).

É preciso ater-se com atenção à letra das canções para detectar o que há ali de religioso apesar de seu caráter secular (Teixeira, 2018, p. 55). A música canta os anseios e angústias do homem, principalmente dos mais pobres, e tais preocupações também são da Igreja, pois ela reconhece o valor e a profundidade das experiências humanas (GS, n. 1). Afinal, pessoas simples, sobretudo, as mais idosas, guardam a feliz memória de canções que as acompanharam durante a vida e tudo isso ecoa no coração da Igreja. Vale recordar que o sagrado está para além dos limites jurídico-institucionais e por isso ele pode manifestar-se e atingir inúmeras pessoas, inclusive pela música secular.

3. A música como lugar de exercício do pensamento teológico

A arte é uma dimensão complexa e plural, pois possui diversas expressões e se comunica com uma linguagem própria, permitindo que cada homem encontre seu caminho e faça uma experiência de transcendência única e individual, conforme Francisco (PLE, n.7). A partir deste ponto, o trabalho irá se deter na música, o que permitirá avançar a reflexão teológica para novos horizontes, possibilitando um olhar mais alargado sobre o humano (Manzatto, 2015, p. 25), pois a música é o retrato cantado da existência humana, de modo que ela traz à luz da consciência aquilo que se experimenta na dura realidade da vida: “Pai, afasta de mim esse cálice, [...] De vinho tinto de sangue.” (Buarque; Gil, 1978, 0:22-0:39)[2].

Conforme Silva e Geisel (2020 p. 485-486) este verso apresenta uma imagem poética do sofrimento humano ao retomar a oração de Jesus no Getsêmani (Mc 14,36), reconfigurando um símbolo bíblico de sofrimento, para expressar a experiência histórica da violência. E, ainda que não se trate de uma composição confessional, a música permite uma leitura teológica do sofrimento injusto como lugar não só de denúncia, mas de solidariedade, aproximando a dor do povo a teologia da cruz. Trata-se segundo Calvani (1998, p. 15) “de uma experiência de tipo místico, de uma mística secularizada que não trabalha rigorosamente com vocabulário ou harmonias procedentes diretamente dos meios eclesiásticos, mas que nem por isso deixa de ser menos intensa”.

[2] O verso apresentado constitui o refrão da obra e o tempo indicado, a primeira vez em que ele aparece.

Não significa que se deva analisar qualquer canção, rendendo-se aos interesses comerciais de músicas das paradas de sucesso, mas de analisar aquelas que são significativas e que por moldarem a alma do povo, são lembradas (Manzatto, 2015, p. 29). Essas músicas manifestam a alegria da convivência fraterna independente de seu teor ser religioso ou não (Manzatto, 2022a, p. 38). Elas possuem uma linguagem de relevância para a teologia, pois permitem constatar na concretude da vida, a experiência de Deus, daí que uma espiritualidade autêntica não separa corpo e alma, fé e cultura, mas reconhece no humano o lugar da ação do Espírito (Tolentino Mendonça, 2016, p. 11).

A seleção de músicas não deve ceder a interesses que levam a usar das canções para dizer algo que se crê de modo diferente (Manzatto, 2015, p. 29). Deve-se respeitar essa expressão artística pois, mesmo as composições seculares falam do Sagrado, visto que os compositores revelam suas interpretações da relação do homem com Deus, ainda que de modo não confessional (Souza Mendonça, 2010, p. 3). A própria cultura popular brasileira foi moldada pela música, desde modinhas e sambas até o advento da música religiosa, sobretudo as de confissão católica (Manzatto, 2022b, p. 323), o que desvela a forte presença do catolicismo no processo de desenvolvimento da cultura nacional.

Para Manzatto (2022a, p. 38), a música não é apenas entretenimento, ela possui uma capacidade de ensinar, inclusive sobre a fé, de modo que forma consciências: “Assim, elas não apenas revelam o que já existe e apresentam o jeito de ser [...], mas também propõem modos de ser [...]. [...] formam a cultura e são formadas por ela, cantam o que somos e nos tornamos àquilo que com elas cantamos” (Manzatto, 2022b, p. 325). As músicas ainda que seculares, revelam uma experiência de amor e fé, revelam a imagem de Deus que cada pessoa tem, por isso a qualidade da música não se mede apenas pela técnica, mas pela capacidade de provocar essa experiência (Bento XVI, 2017, p. 12).

Isso implica no âmbito eclesiológico, pois o tipo de música utilizado nas celebrações não apenas expressa um modo de ser, mas molda a identidade da comunidade de fé (Manzatto, 2022b, p. 325). A música, portanto, não só forma a consciência das pessoas, mas a dimensão devocional, tanto que se percebe pelas músicas atuais que há uma espiritualidade predominantemente intimista e individualista centrada na relação eu e Deus. Assim surgem músicas como: “[...] “Noites traiçoeiras” de Carlos Papae, ou “Ninguém te ama como eu”, do costa-riquenho Martin Valverde, versão de Nelson Correa e Jorge Guedes.” (Manzatto, 2022b, p. 342), dentre outras que se popularizam.

Hoje há uma forte valorização do sentimentalismo, de modo que a celebração, por meio da música, traz uma obrigação de ter que causar desde um arrepio a um calor. Tolentino Mendonça (2016, p. 11-25) critica essa espiritualidade que se refugia na intimidade subjetiva, distanciando-se do corpo, da história e do mundo, pois o verdadeiro encontro com Deus acontece no concreto da vida. Por isso Manzatto (2022b, p. 342) pontua a importância de resgatar músicas que recordam a identidade Povo de Deus, com temas de compromisso social-ético-religioso. Sobretudo em tempos em que a democracia e o magistério de Francisco são questionados por modelos que impõe ao invés de propor.

Vale ressaltar segundo Calvani (1998, p. 09-10) que durante muito tempo a teologia privilegiou o diálogo com a filosofia, sociologia, política e economia ignorando a dimensão artística por enxergá-la apenas como hobby. Contudo, se a teologia é ato segundo porque nasce das experiências vividas pelo povo, e a música, por sua vez, é a história cantada dessas experiências, ambas partem do mesmo lugar: o humano. O que permite afirmar a música como lugar do exercício teológico, visto que ela conta a história do homem que se abre e faz experiência do Mistério (Silva, 2015, p. 5-7) dando um campo aberto para explorar.

Santo Agostinho (2018, p. 196-197) afirma que a música não é uma expressão artística dentre outras, mas caminho para a compreensão do Sagrado, pois para ele, a ordem, o ritmo e a harmonia presente em uma música refletem a ordem e a beleza do Criador. Logo, mais que entretenimento, ela faz com que o homem passe do sensível para o inteligível e com isso, para Deus. Trata-se, portanto, de um caminho de ascese espiritual, de modo que o homem alcança a ordenação dos afetos, contempla a beleza de seu Criador, chegando a uma íntima e profunda união com ele. Por isso ela se constitui como um lugar ou modo de fazer teologia, justamente por provocar esse movimento para Deus.

É por isso que o Papa Francisco (PLE, n. 5-7) pede não só a superação dessa visão deturpada e reducionista sobre a arte – literatura – como estimula que tal dimensão seja um pilar vivo na formação dos futuros presbíteros da Igreja. Afirma ainda que, por meio da literatura, torna-se possível encontrar não só seu próprio caminho, como também dar nome àquilo que lhe falta, pela identificação com as histórias e personagens. Visto que, mais do que ler, ouvir, admirar, sentir, trata-se de adentrar naquela realidade e por meio dela, fazer uma experiência de transcendência. Em suma, o contato com as diversas experiências artísticas permite aprofundar a revelação em sua dimensão polifônica.

Logo, a música constitui-se como um novo modo de se fazer teologia. Villas Boas (2020, p. 26) recorda que já na década de 90 falava-se de uma virada linguística, de modo que, segundo De Mori (2012, p. 230), a linguagem do discurso religioso passou a assumir tons poéticos. Diante disso, conforme Lima e Manzatto (2014, p. 254), a teologia pode então dar passos e estabelecer um verdadeiro diálogo com o mundo moderno recuperando a linguagem simbólica do período patrístico, fugindo do cárcere de conceitos abstratos que pouco dizem da vida concreta e do sentido da vida. Com o resgate do simbólico e do imaginário há então um retorno, um reinteresse pelo sagrado.

Conforme Gesché (2005, p. 140-152), para comunicar a fé, as narrativas míticas da tradição judaica e o Antigo Testamento, recorriam ao imaginário como base de sustentação. Logo, o discurso da fé é sustentado por um universo de representações – símbolos – que transmitem sua mensagem de forma eficaz. Com isso há um risco de romper com o real e cair num mundo esquizofrênico e patológico, mas quando utilizada de modo positivo, a imaginação manifesta e dá vida aos mitos familiares, aos sonhos que não afastam, mas inserem de forma ainda mais viva o homem na realidade, pois o leva a construi-la. Trata-se, portanto, de um retorno às origens do discurso religioso.

Trata-se da saída de uma teologia enrijecida para a originalidade do discurso teológico presente na Escritura, visto que ela possui uma linguagem mais solta, permeada por símbolos e metáforas (Lima; Manzatto, 2014, p. 254). Isto porque: “A ficção ensina-nos, enormemente, sobre o ser humano, e às vezes bem mais e bem melhor do que a antropologia racional” (Gesché, 2005, p. 149). Desse modo, torna-se possível não só conhecer o homem, como também fazer uma nova antropologia (Lima; Manzatto, 2014, p. 255), e assim entender como ele se relaciona com o sagrado. Logo, trata-se de um campo que a teologia pode explorar devido o universo de possibilidades presentes.

Visto que: “Em primeiro lugar a fé interage com a capacidade humana de Imaginação [...].” (Haight, 2004, p. 44) justamente pelo fato de que a experiência religiosa: “[...] em face de um transcendente que “transcende” os conceitos, só se expressa por linguagem simbólica, analógica, literária, marcada de um imaginário criativo, pulsante de vida e sentido de vida!” (Lima; Manzatto, 2014, p. 259). A fé não é uma ilusão, mas confiança à promessa feita por Deus – de uma terra – que traz uma firme esperança ante os sofrimentos e injustiças da vida presente (Lima; Manzatto, 2014, p. 259). Por isso é possível e louvável, que a teologia trilhe por esses caminhos.

4. A experiência religiosa a partir da música secular

Mediante o caminho feito até aqui, foi possível compreender que música e teologia não só podem, como devem estabelecer um diálogo. O que possibilita não só uma compreensão mais profunda acerca do homem, como de sua relação com Deus e a imagem que este tem d'Ele. Não obstante, a música é também um meio de se fazer uma experiência de transcendência. E isto se dá porque: "A música é a língua materna de Deus. Foi isso que nem católicos nem protestantes entenderam. Que em África, os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro. Proibiram os tambores. Na verdade, se não deixassem tocar [...] Faríamos do corpo um tambor [...]." (Bethânia, 2019, 2:43-3:11).

Segundo Manzatto (2020, p. 104-105), o Brasil destaca-se por meio de figuras como Chico Buarque, que possuem uma habilidade estimável de traduzir em palavras cantadas, a dramaticidade da experiência humana. Daí que, se na teologia a Palavra é central, também o é na arte, na medida em que se realiza o exercício artesanal de escolher a palavra certa que traduza aquilo que há no interior humano. Ou seja, tudo se dá em torno do Logos. Por ela, Deus educa e conduz o povo, encarna e habita o mundo, assim como o artista, que pela palavra educa e habita o pensamento das pessoas, coloca para fora o que sente e leva outros a fazerem uma experiência de transcendência.

Logo, pela palavra é possível encontrar o divino e fazer uma experiência com ele, independentemente de ela ser de cunho religioso ou não, pois a música canta os acontecimentos da vida e é na historicidade de cada um, que Deus se faz presente. Disso resulta a importância de tratar a palavra com dignidade no ato de compor, assim como de prestar atenção a que se ouve. Visto que não é: "[...] mera forma de dizer algo, como se fosse apenas um meio de comunicação entre dois seres, o emissor e o destinatário. Palavra é mais que comunicação, é até mais que arte, é forma de habitar o coração do pensamento, é ato humano de ser, mais do que de designar." (Manzatto, 2020, p. 113).

A arte é a expressão da vivência da espiritualidade para além da jurisdição de instituições eclesiásticas, possibilitando ao homem, conforme Cappelli e Villas Boas (2023, p. 99), dinamizar a vida, meditar e crescer em sabedoria. Ela é fruto da inspiração do Espírito que leva o homem a transcender os problemas e intempéries da vida, um instrumental de libertação. Seguindo Boff (1976, p. 121-122), a arte seria então, o lugar da manifestação da graça que penetra, preenche e plenifica o homem, conduzindo-o a um

caminho de libertação. Ela irrompe de tal forma em sua vida, pela espontaneidade e criatividade que ele não pode controlar, ela é mais forte, só lhe resta abrir-se a ela.

A arte é o lugar que melhor reflete a experiência da gratuidade da graça enquanto absoluta espontaneidade e capacidade criativa, onde por meio do pincel ou da escrita, cria-se um universo novo (Boff, 1976, p. 121-122). Neste momento de criação o artista sente-se tomado por uma força: "[...] A vida é amiga da arte [...]. Por isso uma força me leva a cantar. Por isso essa força estranha no ar. Por isso é que eu canto, não posso parar. Por isso essa voz tamanha." (Veloso, 1978, 1:12-1:56). Essa força, leva o artista até a exaustão e a sentir-se tomado: "[...] por algo que está acima, dentro, fora deles, empurrando-os a criar, sacudindo-os a extrojetar a experiência interior." (Boff, 1976, p. 121).

Calvani (1998, p. 187-188) interpreta "Força Estranha" a partir da categoria tillichiana de mistério, isto é, como presença que não se deixa esgotar e que proporciona a experiência contemplativa. Não obstante, o texto da canção permite concretizar o mistério na corporalidade vocal do eu lírico, pois ao afirmar "por isso essa voz tamanha" o eu lírico descreve um impulso interior, uma iniciativa que o precede e manifesta-se de modo sensível, concreto e audível. Nesse sentido, a voz já não aparece como simples instrumento do sujeito, ela se torna tanto sinal como canal da graça que o toma antes mesmo de sua plena autoconsciência e atinge inclusive o ouvinte. Deste modo, a canção desvela a dinâmica da graça, que atravessa o sujeito – em sua corporeidade – e se faz ouvir como resposta do humano a esse Mistério.

Dentro dessa experiência: "O poeta pode exclamar: a palavra me engole; o pintor: a forma e a cor se apoderaram de mim; o músico: a música, a suavidade me arrebataram." (Boff, 1976, p. 121). Ou seja, a experiência artística demanda tanto a inspiração dessa força que irrompe na vida do homem e o interpela, como o esforço e o trabalho humano de se pôr a serviço dela e de alguma forma, traduzi-la em uma linguagem acessível. Logo, a experiência da graça divina se dá na história, é ali que ela o interpela e o leva por meio da arte a fazer um caminho que é de inspiração, trabalho e ascese. Por isso a arte é tão rica e plural, porque é fruto da graça e essa se dá a todos (Boff, 1976, p. 121-122).

Por isso para Manzatto (2020, p. 119-120), ainda que as canções seculares não tragam temas religiosos, por causa da palavra ela se próxima de temas comuns à fé. Ou

seja, a música pode proporcionar uma experiência religiosa para além da fé confessional, já que o artista trabalha com aquilo que é central na teologia, o humano. Um exemplo simples está no ato de criar: pela Palavra Deus cria o mundo, assim como pela palavra o artista constrói um novo mundo e nisso, recorda-se a vocação do homem de ser senhor e guardião da criação (Gn 1,28-30), em suma, co-criador. Daí que a música secular não só propicia a reflexão teológica, mas apresenta a relação do homem com Deus.

Trata-se, segundo Calvani (1998, p. 47-49), de fazer uma teologia a partir da cultura à medida que se reconhece o conteúdo religioso presente nela. De encontrar na cultura o conteúdo substancial que dá sentido às coisas. E isso só é possível mediante o exercício de: "[...] penetrar nos subterrâneos espirituais da vida, de onde provêm a arte, a religião, a economia, a filosofia, e mostrar que toda cultura está prenhe de revelação, e que cabe ao teólogo da cultura fazer o parto, num exercício semelhante à maiêutica socrática." (Calvani, 1998, p. 49). Logo, o teólogo deve discernir quais elementos religiosos se fazem presentes na cultura e de que modo, para então dialogar com ela.

Não se trata, conforme Calvani (1998, p. 51) de julgar o valor estético e artístico das obras de arte, mas sua profundidade religiosa, sua capacidade de revelar e falar do sagrado para além da compreensão judaico-cristã. Quando se trata da música brasileira a MPB se destaca enquanto capacidade criativa de apresentar uma visão do mundo e da sociedade. E apesar do cantor Tiago Iorc definir-se como pertencente ao gênero Pop, segundo Calvani (1998, p. 13): "[...] a tendência é afirmar que MPB é toda música feita por e para brasileiros, independentemente de seu ritmo ou dos instrumentos utilizados em sua execução." Tanto que a tradução literal e superficial de música Pop seria música popular.

A escolha por Tiago Iorc deu-se por ser um cantor atual, que não se prende às exigências da mídia, mas permite-se parar suas atividades para repensar a vida e assim transmitir uma mensagem por meio da música. Além do fato de já ter sido indicado diversas vezes ao Grammy Latino, o que lhe resultou alguns prêmios: em 2017 ganhou o prêmio de melhor álbum Pop contemporâneo em língua portuguesa com "Troco Likes ao vivo: um filme de Tiago Iorc" e melhor canção em língua portuguesa com "Trevo (Tu)" em parceria com Ana Vitória; em 2019 de melhor canção nacional com "Desconstrução" e em 2023 com "Tudo O Que A Fé Pode Tocar" conforme consta no site oficial.

A música pode propiciar uma experiência religiosa estética secular, tanto que são diversos os relatos de pessoas: "que foram tocadas pela audição de alguma canção popular. [...] Trata-se, inegavelmente, de uma experiência de tipo místico, de uma mística secularizada que não trabalha rigorosamente com vocabulário ou harmonias procedentes diretamente dos meios eclesiásticos [...]." (Calvani, 1998, p. 15). Nesta vivência do sagrado, a fé anda de mãos dadas com a dúvida e a incerteza, ela se torna dinâmica e indagadora do sagrado: "Quando oiei a terra ardendo. Qual fogueira de São João. Eu preguntei a Deus do céu, uai. Por que tamanha judiação?" (Gonzaga; Teixeira, 1947, 0:27-0:43).

Nessa perspectiva, *Asa Branca* pode ser compreendida como expressão de uma religiosidade popular em que a dor histórica não se reduz a mero dado sociológico, mas se converte em linguagem de súplica e de resistência perante o Transcendente. Tal interpretação encontra respaldo no fato de que a música constitui um importante indicador das experiências do grupo social que a produz, expressando sua cultura, seus costumes e sua visão de mundo (Faria; Silva, 2020, p. 2). Aqui, a dúvida religiosa diante da dor recorda a tradição bíblica veterotestamentária, na qual a indagação dirigida a Deus assume a forma de oração, como ocorre nos Salmos de lamentação e no livro de Jó, onde o sofrimento injusto se converte em interpelação direta ao Criador (Sl 22,2; Jó 3,11).

A seca, assim, aparece como experiência-limite da capacidade humana de suportar a dor e o sofrimento, realidade profundamente presente na memória e na produção simbólica do homem do campo, uma vez que a musicalidade sertaneja tradicional tematiza frequentemente as secas intensas, bem como a fome, as doenças e a morte (Moteiro; Soares, 2022, p. 4-5). Desvelando a realidade nua e crua da contingência humana, a canção torna audível o sofrimento do povo. Desse modo, a música não apenas retrata uma situação de sofrimento, mas a transforma em linguagem simbólica de fé diante da dor e da tristeza, como forma de resistência e esperança, pois como observam Faria e Silva (2020, p. 5).

É preciso compreender segundo Calvani (1998, p. 55), que ainda que não haja intenção da expressão artística ser religiosa, ela a traz implicitamente visto ser obra, produto e manifestação do Espírito. O fato é que as manifestações artístico-culturais revelam inquietações relacionadas ao sentido da vida que possibilitam a reflexão teológica sem reduzir ou subordinar a arte a um discurso religioso-teológico. Trata-se de

reconhecer que a arte pode tornar visível aquelas preocupações últimas que, segundo a perspectiva tillichiana assumida por Calvani, constituem a dimensão religiosa da existência. Desse modo, a ação do Espírito não se prende à institucionalização da fé, cabendo ao teólogo o exercício de mergulhar na realidade cultural do povo, se quiser dialogar com este e dar respostas para o hoje.

Por fim, segundo Eliade (1992, p. 13-50), o sagrado se manifesta no profano por meio de elementos do cotidiano como árvores, pedras, músicas. Essa irrupção do sagrado no profano vivida pelo homem religioso, sacraliza aquela realidade, objeto, de modo que, toda vez que o homem se coloca diante dela, ele transcende. Assim, ele experimenta algo que está para além daquela realidade e do tempo, é transportado para uma experiência de outrora, mas que permanece atual: "Compositor de destinos. Tambor de todos os ritmos. [...]. Entro num acordo contigo. [...]. Por seres tão inventivo. E pareceres contínuo. [...]. És um dos deuses o mais lindo. Tempo, tempo, tempo [...]." (Veloso, 1979, 0:34-1:09).

Considerações finais

O percurso realizado ao longo deste trabalho permitiu demonstrar que a música secular, pode constituir-se como um *locus theologicus*. Para isto, buscou-se apresentar a sua dimensão antropológica e evidenciou-se que enquanto expressão artística, a música não é um mero passatempo, mas um exercício espiritual que educa a alma, ordena os afetos e abre o homem ao transcendente. O que permitiu afirmá-la como capaz de expressar aquilo que se passa no mais íntimo do coração humano, tornando-se assim um caminho privilegiado de autoconhecimento e de encontro com o sagrado. Daí que, ignorar esta dimensão resultaria no endurecimento do coração e no fechar-se à voz do outro.

Isto possibilitou identificar o homem como o ponto de encontro entre teologia e música, visto que ambas narram a história do ser humano, seus dramas, anseios e buscas. Ao cantar o amor, o sofrimento, a injustiça e a busca de sentido, a música toca inevitavelmente a esfera religiosa, pois falar do homem, como sugere a chave antropológica adotada neste trabalho, é de algum modo, falar de Deus. Se por um lado é teologia apresenta-se pois como ato segundo, pois por primeiro vem a experiência vivida, a música canta essa mesma história e traduz a inefabilidade da experiência religiosa em uma linguagem simbólico-poética.

Logo, torna-se consequente a afirmação da música, ainda que secular, como lugar de exercício do pensamento teológico, com a ressalva de que não se trata de qualquer música, mas daquelas que apresentam, conforme exposto por meio de autores como Calvani que segue a linha de Tillich e Manzatto. Estas canções mostram que na música secular também há uma preocupação com relação a questão da finitude e com sentido da vida, com uma carga simbólica tão rica que não só diáloga como permite a reflexão teológica dar saltos na compreensão do ser humano.

Isso não significa reduzir ou tornar uma dimensão submissa a outra, mas de enriquecimento mútuo de ambas para a produção de um novo saber. O fato é que, por muito tempo a teologia fechou-se num diálogo exclusivo com algumas áreas como a filosofia e a sociologia, o que impediu uma abertura maior ao diálogo interdisciplinar, mas com a virada linguística das últimas décadas, tornou-se possível a abertura e o retorno para uma linguagem – simbólico-poética – que recupera o espírito patrístico e liberta a teologia do cárcere de conceitos abstratos.

Não obstante, há o fato de que o Espírito não se prende às fronteiras institucionais da religião, mas age na história e na cultura em sua totalidade. A graça irrompe na criação – artística – com uma espontaneidade que o próprio artista não controla, disso se compreende a ansiosa necessidade de pôr para fora aquilo que se passa dentro de si. Trata-se de uma mística secular, que não utiliza vocabulário eclesiástico – e, às vezes, se quer uma palavra, apenas notas e melodias, por exemplo – mas que toca profundamente o coração humano e o conduz, ainda que indiretamente, ao encontro com o transcendente. A música secular, portanto, não se opõe ao sagrado: revela-o nas entrelinhas da vida.

Por outro lado, destacou-se que a música que se oferece ao povo, seja ela secular ou não, possui a capacidade de formar consciências, moldar identidades e propor modos de ser. Neste sentido, o predomínio de uma espiritualidade intimista e individualista nas músicas religiosas contemporâneas empobrece a fé e a isola da história. Disso resulta a importância de resgatar músicas que falem de um compromisso ético-social e fraterno, sobretudo num contexto em que a democracia e o magistério de Francisco se viram questionados. Deve-se, pois, cantar e anunciar Deus e o seu Reino num tom próprio a cada comunidade.

Portanto, conclui-se que a teopoética, enquanto método, revela-se como um caminho fecundo para o exercício do pensamento teológico contemporâneo. Ela não exige que a música abandone sua linguagem própria, mas convida o teólogo a mergulhar nela com olhos atentos ao que ali ressoa de sagrado. Ao reconhecer a música secular como *locus theologicus*, a teologia atende ao apelo do Concílio Vaticano II e ao desejo de Francisco por uma teologia que se deixe interpelar pela realidade. O homem que canta suas dores, alegrias e esperanças está, a seu modo, fazendo teologia e cabe à Igreja aprender a escutá-lo, como faz todo bom teólogo.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *Sobre a música*. São Paulo: Paulus, 2018.

ALES BELLO, Angela. *Il senso del sacro*: dall'arcaicità alla desacralizzazione. Roma: Castelvecchi, 2014.

ANDRIOLA DE AQUINO, L.; CRISTIANA BARBOSA, R. A literatura e o sagrado: Inter-relações possíveis. *Sacrilegens*, *[S. l.]*, v. 22, n. 2, p. 9–24, 2025. DOI: 10.34019/2237-6151. 2025.v22.47283. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/47283. Acesso em: 15 jun. 2026.

BENTO XVI. *O espírito da música*: a música e a fé no ministério do Papa Bento XVI. São Paulo: Paulus, 2017.

BETHÂNIA, Maria. *In: A Flor e o Espinho*. Álbum A Menina dos olhos. Biscoito Fino, 2019. Faixa 12. Composição de: CAVAQUINHO, Nelson; BRITO, Guilherme de; CAMINHA, Alcides. (1957). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5xgdlagMbvxv7p89miVkuH>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *A graça libertadora no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. *Cálice*. Intérprete: Chico Buarque e Milton Nascimento. In: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Universal Music, 1978. Faixa 2. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4K3E5bhJb92E7eyeIJ16QR>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Teologia e MPB*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CAPPELLI, M.; VILLAS BOAS, A. A literatura como exercício espiritual em José Tolentino Mendonça. *Teoliteraria - Revista de Literaturas e Teologias*, [S. l.], v. 13, n. 31, p. 96–117, 2023. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/64688>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES: sobre a Igreja no mundo atual. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 3 abr. 2025.

DE MORI, Geraldo. Hermenêutica filosófica e hermenêutica bíblica em Paul Ricoeur. Teoliterária, *Revista Brasileira de Literaturas e Teologias*, v. 2, n. 4, 2012, p. 203-239. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22909>. Acesso em 11 de agosto de 2025.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIA, Luciana Carolina Fernandes; SILVA, João Pedro Turino. A música sertaneja como reflexo de transformações dos lugares de escuta. *Colloquium Socialis,* Presidente Prudente, v. 4, n. 1, p. 1-8, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/cs/article/view/3455>. Acesso em: 15 de jun. 2026.

FRANCISCO, Papa. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium*: sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas. 8 de dez. de 2017. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html>. Acesso em: 9 abr. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Em Forma De Motu Próprio – Ad theologiam promovendam:* com os quais se aprovam os novos estatutos da Pontifícia Academia de Teologia. 1 de nov. de 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/20231101-motu-proprio-ad-theologiam-promovendam.html>. Acesso em 11 de agosto de 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação.* 17 de jul. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>. Acesso em: 3 abr. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Dilexit Nos*: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. 24 de out. de 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.html>. Acesso em: 8 abr. 2025.

GESCHÉ, Adolphe. *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2003.

GESCHÉ, Adolphe. *O sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. *Asa Branca*. Intérprete: Luiz Gonzaga. Álbum: Single original (78 rpm), 1947. Gravadora: Victor. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4HH7tAjimHWnlLJZDFYQQ1>. Acesso em: 29 abr. 2025.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HUFF, A. Esperança, música e imagem em mais uma prosa com Rubem Alves (e Nietzsche e Caetano Veloso). *Sacrilegens***,** *[S. l.]*, v. 21, n. Edição Especial, 2024. DOI: 10.34019/2237-6151. 2024.v21.44281. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/44281. Acesso em: 15 jun. 2026.

JOSSUA, Jean-Pierre; METZ, Johann Baptist. *In Concilium*. Teologia e literatura. Petrópolis: Vozes, 1976.

KASPER, Walter. *El Dios de Jesucristo*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2013.

LATIN RECORDING ACADEMY. *Entrega Anual do Latin Gram*. Disponível em: <https://www.latingrammy.com/pt/artistas/tiago-iorc/31712-03>. Acesso em 11 de ago de 2025.

LIMA, Alexandre Patucci de; MANZATTO, Antonio. A (re)-descoberta do imaginário no universo teológico: uma reflexão a partir de Adolphe Gesche. *Teoliterária*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22838>. Acesso em 11 de Ago de 2025.

LOYOLA, I. *Escritos de Santo Inácio*: exercícios espirituais. São Paulo: Loyola, 2000.

MAÇANEIRO, Marcial. *O labirinto sagrado*: ensaios sobre religião, psique e cultura. São Paulo: Paulus, 2011.

MANZATTO, A. A importância da palavra em Chico Buarque e no discurso teológico. *Teoliteraria - Revista de Literaturas e Teologias*, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 104–121, 2020a. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/48603. Acesso em: 2 maio 2025.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura – reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

MANZATTO, Antonio. Cristologia: teologia e antropologia. *Revista de Cultura Teológica*, v. 05, n. 19, abr./jun. 1997, p. 07-15. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14347>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MANZATTO, Antonio. Literatura e Teologia da Libertação. *Teoliterária*, v. 2, n. 4, p. 74-86, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22902>. Acesso em: 2 maio 2025.

MANZATTO, Antonio. Teologia e literatura: bases para um diálogo. *Interações*, v. 11, n. 19, p. 8–18, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/P.1983-2478.2016v11n19p8>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MANZATTO, Antonio. O Brasil em canções. *Perspectiva Teológica, [S. l.]*, v. 54, n. 2, p. 321, 2022b. DOI: 10.20911/21768757v54n2p321/2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5021>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MANZATTO, Antônio. Certas canções: teologia e literatura na música brasileira. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 24-37, jan.-abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/19098>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MANZATTO, Antônio. Canções nas Cebs. *Annales Faje, [S. l.]*, v. 7, n. 3, p. 37–43, 2022a. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5252>. Acesso em: 11 ago. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner*: um problema para músicos. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a revelação*: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O pequeno príncipe*. 1. ed. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2017.

SILVA, Thiago Costa da; GIESEL, Cláudia Cristina Mendes. A música "Cálice" como símbolo de resistência política em um Brasil marcado pela ditadura: uma análise crítico-discursiva. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 26, n. 78, supl., p. 476-492, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/379>. Acesso em: 15 jun. 2026.

SILVA, Tiago Alexandre de Jesus. *Música e teologia, música como teologia*: uma sonata teológica: A música na estética teológica de Pierangelo Sequeri. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/430628935/Tiago-Silva-Musica-e-Teologia-Musica-Como-Teologia-Uma-Sonata-Teologica>. Acesso em 11 ago de 2025.

SOUZA MENDONÇA, Joêzer de. O sagrado na MPB e na canção sacra: um olhar da teomusicologia. *Simpom*, n. 1, 2010, p. 590–597. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/2745>. Acesso em: 9 abr. 2025.

TEIXEIRA, Faustino. O mistério na tessitura da vida: a espiritualidade de Gilberto Gil. *IHU (Unisinos)*, v. 523, p. 54-61, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579491-o-misterio-na-tessitura-da-vida-a-espiritualidade-de-gilberto-gil>. Acesso em: 2 maio 2025.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *A mística do instante*: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *Creio na nudez da minha vida – onde a mística e a literatura se encontram*. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (orgs.). Teopoética: mística e poesia. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. Puc-Rio; Paulinas, 2020, p.21-34.

TOMÁS, Lia. *Ouvir o logos*: música e filosofia. São Paulo: UNESP, 2002.

VELOSO, Caetano. *Força Estranha*. Intérprete: Roberto Carlos. In: Roberto Carlos. Gravadora: Sony Music Entertainment, 1978. Faixa 06. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6CP9d1CKNuxh4RzdLkb8AI>. Acesso em: 2 maio 2025.

VELOSO, Caetano. *Oração ao Tempo*. Intérprete: Caetano Veloso. In: Cinema Transcendental. Gravadora: Universal Music, 1979. Faixa 02. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/64JvR5shy7j04mTiX0wfNp>. Acesso em: 2 maio 2025.

VILLAS BOAS, Alex. O método antropológico no diálogo entre Teologia e Literatura em Antônio Manzatto. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 28, n. 95, p. 25-36, jan.-abr. 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo>. Acesso em: 8 abr. 2025.

VILLAS BOAS, Alex; MANZATTO, Antonio. O mistério que se faz literatura. *Teoliteraria - Revista de Literaturas e Teologias*, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 5–11, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/30801>. Acesso em: 2 maio 2025.